

PROSA & VERSO

ENTREVISTA

Carlos Nejar

• Apenas quatro anos depois de lançar uma "História da literatura brasileira" (Agir, 2007) em 550 páginas, o escritor Carlos Nejar manda para as livrarias uma nova versão da obra com a extensão duplicada (1.104 páginas, coedição LeYa e Fundação Biblioteca Nacional, R\$ 99) por revisões e acréscimos que se estenderam por todos os períodos estudados, mas principalmente pela produção da segunda metade do século passado. O livro, que será lançado no próximo dia 24 às 19h na Travessa de Ipanema (Visconde de Pirajá 572), mantém no entanto a matriz entre o romântico e o impressionista do anterior, caracterizada pelo centramento no talento individual e pelo tom de comoção nas análises. Nesta entrevista por e-mail, Nejar falou ao GLOBO sobre a obra.

Miguel Conde

O GLOBO: Em que medida pode-se situar autores como Caminha e Vieira na história da literatura brasileira? É possível, já nos séculos XVI e XVII, reconhecer uma literatura brasileira, distinta da portuguesa?

CARLOS NEJAR: Situamos Caminha e o Padre Vieira como autores de um Brasil inicial. Caminha escreveu a primeira nomeação da nossa nacionalidade, depois da posse da terra. Sua "Carta" relata a vida e os costumes dos habitantes, os índios, com alta carga visionária. Por sua vez, o Padre Antônio Vieira, que veio a Salvador aos seis anos, viveu, segundo o professor Arnaldo Niskier, 52 anos de seus 89 anos (quase dois terços) no Brasil, sendo influenciado pela nossa fala no torneio gramatical e no fraseado novo. Sendo possível, sim, perceber nos séculos XVI e XVII, o espírito nacional, seja em João Botelho de Oliveira — com a musa Anarda, na "Ilha da Maré", onde aparece certo ufanismo e a eclosão fascinante da terra — ou na figura extraordinária de Gregório de Matos e Guerra, em seu barroquismo, satirizando os costumes e os grandes da época.

• A questão do talento ou gênio individual é problemática para os panoramas históricos, que tendem a contorná-la em favor de explicações das obras pelo contexto da época. Como se apresentou para o senhor esse problema?

NEJAR: A pergunta é muito pertinente. A vinculação da literatura a uma visão puramente social tem empobrecido certa crítica, entre nós, pois a obra que não se realiza esteticamente, através da linguagem, pode valer como panfleto, testemunho, jamais como arte. Não permanecerá. O social entrará pela porta dos fundos ou pela despensa, não na entrada da casa. Daí a distinção que marca a minha História: não são os gêneros que determinam a linguagem, é a linguagem que determinará os gêneros. Feito esse intróito, por mais problemática que seja a questão do talento individual ou do gênio na perspectiva histórica tradicional, é impossível não reconhecê-los. Goethe considera o grande criador como ser coletivo. Recentemente no Prosa & Verso, numa entrevista, Lewis Hyde, pesquisador da Universidade de Harvard, atestou que "os grandes criadores são seres coletivos". Essa

Panorama da comoção

Escritor fala de sua 'História da literatura brasileira', marcada pelo arrebatamento

Leonardo Aversa/16-01-2008



CARLOS NEJAR: "a vinculação da literatura a uma visão puramente social tem empobrecido a crítica"

ideia de ser coletivo é a fina síntese dialética entre a imaginação criadora individual e "o espírito do tempo". E um não existe sem o outro. Assim, a meu ver, o estilo pode ser o tema, pode ser "o homem" (como queria Buffon), mas, em casos especiais, o estilo é o gênio. Quem o nega é como a rosa de Shakespeare, tenta mudar o nome, porém não há de mudar o aroma. Cito dois exemplos: o que singulariza o estilo de Euclides da Cunha não é o rebuscamento verbal, próximo de um Coelho Neto, é o gênio ou incêndio da criação que modifica tudo. O que singulariza o estilo de Guimarães Rosa não é apenas a invenção de palavras, ou certa grandiloquência, que o aproxima igualmente de Coelho



Neto, é o gênio que empurra fogo pela boca do texto. Coelho Neto anda esquecido, envelheceu no tempo, embora em vários aspectos mereça ser restaurado. Num livro precioso, "A invenção da cultura", Roy Wagner, estudioso de história medieval, observa que "a necessidade da invenção é dada pela convenção cultural e a necessidade da convenção cultural é dada pela invenção". O que não existe,

passa a existir pela humana invenção.

• O senhor abre em seu livro um espaço considerável para todo um período entre o romantismo e o modernismo que os próprios modernistas, em seu esforço de afirmação,

reduziram artificialmente a um momento de cultivo do beletrismo. Essa recuperação está na opinião do senhor já devidamente realizada nos estudos de nossa literatura?

NEJAR: Você disse bem: período que os modernistas reduziram "artificialmente" a um instante de beletrismo. E por achar que foi artificial, mais política, midiática e demolidora do que verdadeira essa redução, repositonei cânones e corriji injustiças, buscando a revisão de autores soterrados pelo "terremoto" do Movimento de 22. Um deles é Olavo Bilac, que teve o fogo explosivo da criação capaz de imortalizar-se em vários poemas, ou Raimundo Correia, que saltou da forma para a meditação das coisas ou da alma humana, e a fulgurante escrita de Cruz e Souza ou Alphonsus de Guimaraens, ou mesmo o gaúcho esquecido, que é Eduardo Guimarães, que se tornaram perenes, acima das escolas, na casa comum da linguagem. A valorização de Lima Barreto, João do Rio, Sousândrade e dos simbolistas vem ocorrendo, aos poucos.

• A seção sobre autores da segunda metade do século XX foi a que mais cresceu nessa nova edição de seu livro. Ao debruçar-se sobre essa produção, o senhor pôde perceber eixos temáticos ou formais que permitam identificar agrupamentos bem definidos, ou há nesse período uma dispersão maior dos escritores?

NEJAR: Na produção mais atual vigora a percepção de Eliot, quando adverte: "Nenhum poeta, nenhum artista, tem sua significação completa sozinho. Seu significado e apreciação que dele fazemos constituem a apreciação de sua relação com os poetas e artistas mortos". Percebo, no entanto, duas correntes visíveis. Uma que é humanista, onde a linguagem se mune de uma dimensão mais generosa ou construtora do mundo, ainda que com certo humor ou ironia, como João Ubaldo Ribeiro, Samuel Rawet, Moacyr Scliar, Ignácio Loyola Brandão, Márcio Souza, Hilda Hilst, Lygia Fagundes Teles, João Antônio, Néida Piñon, Roberto Drummond, Ana Maria Machado, Carlos Heitor Cony, Deonísio da Silva, Raimundo Carrero, Luiz Antônio de Assis Brasil, João Gilberto Noll, Silviano Santiago, Raduan Nassar, Vicente Cecim, entre outros. Sem falar na poesia de um Manoel de Barros, Ferreira Gullar, Lêdo Ivo, Ivan Junqueira, Dantas Mota, Marly de Oliveira, Alberto da Costa e Silva, José Godoy Garcia, Alberto da Cunha Mello, Bruno Tolentino... Outra corrente vem de poderosos criadores como Nelson Rodrigues, Dalton Trevisan e Rubem Fonseca. Essa corrente influenciou tematicamente toda uma geração de autores voltados aos temas contundentes, obsessivos, escatológicos ou delituosos (do crime sem castigo), reveladores de um lado insone, terrível da condição humana. Respeitando as opções divergentes, penso com Elias Canetti que é preciso "resistir aos arautos do nada". ■

Direitos autorais

• Os autores representados pela Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil (Aeilij) vêm se sentindo ameaçados pelas mudanças na legislação referente aos direitos autorais, propostas pela gestão anterior do MInC.

O anteprojeto remetido à Casa Civil — e que em boa hora a ministra Ana de Hollanda pediu que fosse devolvido —, no parágrafo único do artigo 46, legitima a apropriação de nossas obras, seja por empresas, órgãos governamentais, entidades ou mesmo in-

divíduos, sem que se peça autorização, nem se pague aos autores.

Assim, apoiamos o cuidado com que a ministra vem tratando a questão, assim como estranhamos que o professor Lewis Hyde (em entrevista publicada no Prosa & Verso de 5 de março), recomende aos autores que tentam viver da criação artística o voto de pobreza ou a busca do mecenato.

Nossos livros não nascem de "dávivas", mas de trabalho duro. Além disso, muitos de nós passam

boa parte do ano correndo no Brasil em eventos de incentivo à leitura de literatura em bibliotecas, feiras, escolas (algumas bastante carentes) etc. Somos artesãos e trabalhadores, e temos o direito de viver dignamente do nosso trabalho.

A história da Literatura está recheada de casos de autores que morreram à míngua, enquanto enriqueciam os que exploravam suas obras, sem lhes pagar um tostão. É a essa situação que deseja voltar o Sr. Hyde e os demais que acusam

Ana de Hollanda de resistir à extinção dos Direitos Autorais?

As pessoas, grupos e instituições que têm defendido a demissão de Ana de Hollanda, em razão de sua resistência à extinção dos direitos autorais, visam legitimar a pirataria das obras artísticas e intelectuais. São os que nos acusam de retrógrados, numa campanha orquestrada. Mas, sem direitos autorais, o autor não sobrevive; e sem o autor, quem vai criar obras? Ou elas cairão *divosamente* dos céus?

Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil — www.aeilij.org.br

CARTAS

FASE RACIONAL
A Fase da Energia Racional, que está regendo o universo e desenvolvendo quatro partes do corpo humano.
Especializamentos nos Livros:
UNIVERSO EM DESENCANTO

COMPRO LIVROS E CDS
berinjela
Outros Livros e CDS
2215-3528 ou 2532-3646

Compramos Livros em Geral

15 anos de Tradição no Centro do Rio
Le Bouquiniste Livraria

DVDs, CDs e DISCOS DE VINIL

• Bibliotecas Pequenas e Grandes • Pagamento à vista • Retiramos na hora.

R. Visconde do Rio Branco, 28 - Centro **2531-7793 / 2252-3247**

LIGUE. ACESSE.
ASSINE.

(21) 2534 4344
oglobo.com.br/assinatura

O GLOBO

Uma descrição reveladora de um ano singular na vida de Shakespeare

Prêmio Samuel Johnson como melhor livro de não-ficção da Inglaterra



440 págs.
R\$ 44,90

Planeta